

O “Cavaleiro de Oliveira,”

O cavaleiro de Oliveira é o que na ordenança latina se chama um escritor menor. A' sua arte maream os vícios da escola setecentista, acrescidos do imperfeito conhecimento que tinha do francês e das taras, corrupções e barbarismos que a longa permanência no estrangeiro e, quiçá, o desuso do idioma lhe imprimiram na syntaxe portuguesa. Éle próprio se penitencia no antelóquio do Amusement de compor numa lingua que não é a sua e, algures, numa lingua que esqueceu. Por aberrante paronímia, sem dúvida, empregará lande por lendia e oublie por obreia; igualmente nos dois idiomas, os solecismos são um joio que seria trabalhoso mondar para não subverter a construção. No francês, a abertura de período pela oração gerundiva, só em prática na linguagem judicial; no português, a adulteração pelo galicismo, até no uso das enclíticas, constituem as graves enfermidades do seu estilo. Todavia, como o francês era uma lingua na maturidade e o português uma lingua em plena crecença, maiores estragos padeceu da sua pena o idioma natal que o idioma adoptivo.

Pelo carácter dos escritos, o cavaleiro está entre os mais mimosos da sua plana. Foi fútil como os mais fúteis, e borboleteou por todos os assuntos de história, de moral e de filosofia com o afan e entusiasmo dum enciclopedista. Era, além disso, um homem que tinha algumas ideas de seu e, sobretudo, que sabia muito bem apropriar-se das dos outros. Mas escrevia com uma solércia, uma graça ligeira, quando não ironia, que levaram Gualdino Gomes, êsse nababo dos belos ditos, inimigo de se ver em letra de fôrma, a chamar-lhe Fradique Mendes avant la lettre. Poucos como êle souberam na nossa lingua contar a anedota e suspirar uma declaração de amor. A anedota e o amor são, aliás, a sua vis. Sem rebusca, com uma espontaneidade que contrasta com a redundância então em moda, e de que peca por vezes, sabe encontrar o efeito hilare ou faceto, como em negócio de mulheres, gorgeia, trina, deslumbra, como a flauta dum sátiro.

Devido à misoginia, que o tomou na idade madura, por detrás das lôas e ditirambos que tece em prol das damas, parece ver-se, fazendo arremedos e esgares, um daqueles saguis domésticos, de visagens chocarreiras e deslavadas. A sua prosa é, de resto, sempre bem educada.

Só em matéria religiosa, perdeu esta elástica e sorridente arte de escrever. Ai é directo, cheio de ardor, cheio de fel, golpeando sem ritmo, nem cortesia. O Amusement superabunda em ataques cerrados, esvurmendo rancor, ao Papismo e seus dogmas. O Discours Pathétique e as Reflexões de Felix Corvina Vieyra de Arcos prelevam menos do prosélito que do panfle-tário.

Da sua obra, que seria vasta tomando em linha de conta os muitos inéditos mencionados por Barbosa e Inocência, as Cartas Familiares são o seu livro mais cuidado e que occupam um lugar de relêvo na literatura portuguesa. Nela se podem respigar — com um certo discrimine e a indispensável censura — lances preciosos da sua vida, fatos e dilucidações da época, a par de uma facúndia que se comprazia em deslaçar-se em tudo, e seria a opulência dum chroniqueur de hoje. Quando ali se liberta do gongorismo, de que seu espírito guardou mais fezes que sua alma permeável da superstição antiga, a prosa é louçã, travessa, duma fluência cristalina de córgozinho de parque. As Cartas quedaram num terceiro volume incompleto, apontando Barbosa, como prontos para a impressão, mais seis tomos, até o nono inclusivè. Em reforço da Bibliotheca Lusitana, anotou Joaquim de Araújo na reedição que fez do Discours Pathétique: «Oportunamente exporemos os motivos que fizeram trancar a publicação das Cartas Familiares; aqui tão sómente deixamos lembrança da existência de mais de duzentas cartas desconhecidas e que constituem o fecho do 3.º volume e bem assim os volumes 4.º e 5.º Ver o nosso futuro trabalho acerca de Oliveira.»

Antes que luz se faça com a publicação do livro ou borrão de livro de Joaquim de Araújo, seja-nos licito

conjecturar que, de certo, não confundiu a seqüência das Cartas com uma obrinha perdida no mare-magno do epistolário e que, à primeira vista, oferece mais dum título de reivindicação à autoria do cavaleiro. E': Lettres / D'amour / d'une / Religieuse / Portugaise / E'crites au / chevalier de C. / Officier François en Portugal. / Revues, corrigées & augmentées de plusieurs nouvelles Lettres, & de diffé-rentes Pièces de Poésie. / Nouvelle Edition. / Tome... / A' la Haye, / chez Antoine van Dole / M.DCC.XLII; dois tomos, in 16, com uma gravura, a talho doce, de Coster, no verso do ante-rosto, representando uma freira em acto de escrever.

Estas cartas não passam, contra tōda a expectação, duma glosa libérrima do celebrado escrito da pretendida freira de Beja, Mariana Alcoforado. O texto original encontra-se esmoldo, destroçado na lavra do ampliador, como papoílal num campo de centeio. Mais que trabalho de homenagem à enamorada monja, come-teu-se ali um alto e clamoroso sacrilégio. Após o epis-tolário com missivas e respostas, endossado à freira e seu galã, sucede-se no livro um jōgo de extensa cor-respondência de amor, espécie de dialéctica dos aman-tes, poesias do P.^o Regnier Desmarais e, a páginas 99 do segundo tōmo, a seguinte composição: Le Voyage de l'Isle de l'Amour. A' Licidas.

Ora sucede que a Viagem / à Ilha do Amor: / escrita a Philandro / e dedicada / ao illustrissimo senhor / Diogo de Mendonça Cōrte-Real. / por / Francisco Xavier de Oliveyra / Cavalleiro Professo na Ordem de N. S. / Jesu Christo. / Haia / M.DCC.XLIV. (segundo a edição Rivara) e assinada: Vosso Amigo Tyrso. Montanha da Afflicção no dia mais crítico do ano de 1739, e aquela são, linha por linha, áparte a dife-rença de idioma, uma e a mesma peça. A primeira anónima e editada em 1742; a segunda, estadeando o nome do cavaleiro e dada a público em 1744. Aquela sem data, nem registo de factura; esta predatada de três anos, em referência à edição francesa, e de cinco à portuguesa e com a sua nótula local. A darmos cré-dito a estes últimos dados, Oliveira seria o autor in-contestável da pastoral, e, por ampliação lógica, de todo o livro Lettres d'Amour. Contra a sua paterni-dade militam, porém, argumentos de grande monta. Sem fazer finca-pé no indício denegativo que decorre do simples exame das duas edições, ressaí que a reda-ção original devia ter sido a francesa, segundo tōda a

verosimilhança, pois os versos nela entretecidos, com inteireza métrica, figuram em prosa, caracteres itáli-cos, no texto português. Teria o cavaleiro composto a fantasia, em primeira mão, na escrita francesa? Po-dem as poesias haver sido emprestadas a um verseja-dor francês qualquer, não citado? Decerto. Mas por que esta troca de nomes, Licidas com Philandro, em-bora não levante reparos de maior a omissão de data e de lugar no Voyage, pelo facto de vir a lume num feixe de várias composições, e em separata quando na redacção portuguesa? Tanto Le Voyage de l'Isle de l'Amour como as mais partes do livro denotam uma pena impecavel, dir-se-ia «autoctone», no manejo da lingua, a contrastar com o estilo do Amusement, de-baixo da agravante, ainda, de este haver sido escrito muitos anos depois, que contam, mediante continuidade, para o aperfeiçoamento, pelo menos gramatical, dum idioma estrangeiro. Sem dúvida que a Francisco Xa-vier podia ter-se deparado um revisor à altura, como do requisitório do conde de Tarouca se infere que achara para as primeiras tentativas em lingua não materna. Mas, além de que a redacção francesa se nos afigura mais completa, mais consentânea a modelar o pensamento inicial, criador, uma segunda parte de Voyage, inserta no mesmo livro, faz fé contra o autor português que se quedou na primeira parte. Para mais, a circunstância das Lettres d'Amour saírem das ofi-cinas de Antoine Van Dole, que nem antes, nem de-pois, editou o cavaleiro, depõe contra êle.

Certo, pela natureza do livro, a índole do primeiro assunto versado — a paixão da religiosa de Beja — que oqorreria de preferência a homem de letras português que a autor de outra nacionalidade — pela contextura das matérias, tão em harmonia com o temperamento que se expande nas Cartas Familiares, pela própria trama de Voyage, em que, no primeiro lance, quise-mos pistar o galante secretário da embaixada de Viena na via demorada que o levou à posse de Maria Elisa-beta ou da altaneira Belisa, o atribuiríamos a Fran-cisco Xavier. Mas em definitiva, sem prolongar mais o jōgo de hipóteses e objecções, raciocinando nos pri-meiros planos, os testemunhos negam-lhe a autoria. E é crença nossa que cometeu um plágio contra anó-nimo, acobertando-se da possível incriminação com a ante-data que se lê no fecho da versão portuguesa.

Neste particular, o cavaleiro era mediocrementepundonoroso. Il prenait son bien où il le trouvait.

O Amusement enferma dêste achaque, inserindo e trasladando passagens e capítulos inteiros, sem designação do senhorio. No preâmbulo, como adiante se verá, êle mesmo se escusa, com não ter presentes muitas vezes os autores consultados, e ser-lhe impossível reportar-se às fontes a que a miúde foi beber.

A RECREAÇÃO PERIÓDICA (Oeuvres mêlées: / ou, / Discours / Historiques, Politiques, Moraux, / Littéraires, & Critiques / Publiés dans les mois de / Janvier / MDCCLI, / Sous le Titre / D'Amusement Periodique. / par / Le Chevalier d'Oliveyra / Tome / Londres / MDCCLI) aparecia mensalmente, sob a forma de boletim. Compreende-se, portanto, que, à maneira do processo de tesoura praticado hoje nas gazetas, compusesse uma grande parte copiando, vertendo, adaptando. As enxertias são numerosas e de vulto, não raro. Escrita ao sabor da fantasia, a outra parte, se não mais instrutiva, é mais amena. Quando não moraliza, na pegada de La Bruyère, fala de si, dos homens do seu tempo, ridículos, meritórios ou sce-

lerados, graceja, chora-se, conclama, e ainda encontram eco em nós as suas palavras, proferidas perto há de dois séculos. Bradando, lá longe, no estrangeiro como num deserto, a sua voz ala-se por vezes ao intono ardente dos precursores. Que semeia ao vento, dá-se por quite das suas penas se houver um homem só de boa vontade que o oiça! Estrangeirado, guardou a sua alma portuguesa; esta abafou-a a terra de Londres, mas não a entibiou nem corroeou o ceu e meio glacial de Inglaterra. Até o fim manteve uma atitude ou amável, ou de reptador. A's vezes, passageiramente, reveste-se das cinzas humildes dum penitente. Mas, muitas vezes, ri e o seu riso faz tremer os altares. A Recreação é um belo livro de crónicas onde perpassa, aos farrapos, uma vida a que não faltou nada, honras, princesas, fome, fel e lágrimas.

AQUILINO RIBEIRO.

Do prefácio à *Recreação Periodica* livro singular e quasi desconhecido do «Cavaleiro de Oliveira», agora lançado no mercado.